



PY, Fábio. **Pandemia Cristofascista**. São Paulo: Recriar, 2020. (Série Contágios Infernais).

Carolina Bezerra de Souza*

Fábio Py é docente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da UENF. É pós-doutor no Programa Recém-Doutor na mesma universidade (2017). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO, 2016) e mestre em Ciências da Religião (UMESP, 2007), tem múltipla formação com graduações nas áreas de história, teologia e física. Pesquisa as temáticas de religião, política e movimentos sociais no Brasil, com atenção à Teologia da Libertação. Com esse pequeno livro, o autor intenta analisar as estruturas teológicas/políticas que sustentam o governo do presidente Jair Bolsonaro. O tempo todo Py retorna à vivência da pandemia de Covid-19 no Brasil, pois é a partir da gerência da crise sanitária e dos discursos sobre ela que ele reflete acerca do autoritarismo e da violência do governo Bolsonaro e daqueles que o apoiam nos diversos âmbitos. Para isso, divide o livro em três partes.

Para o autor, a força das estruturas de sustentação do governo Bolsonaro vem da base religiosa conservadora, tanto católica como evangélica. Esta base é fortemente vinculada às periferias, mas se mostra para além dos muros das igrejas cristãs de forma política, especialmente na atuação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), que é o foco da primeira parte do livro. Py descreve brevemente o surgimento da FPE e como se desenvolve, a partir da mobilização inicial das Assembleias de Deus para uma atuação política, mostrando que a maior parte de sua composição é pentecostal e neopentecostal e que ela repercute o discurso de grandes atores religiosos: os pastores midiáticos. O autor caracteriza a frente como pluripartidária e de direita, com uma visão unificante que não adere às buscas de

Resenha recebida em 20 abril de 2021 e aprovada em 23 de julho de 2021.

* Doutora em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Bolsa PNPd/CAPES – Faculdades EST. País de origem: Brasil. E-mail: carolbsouza@gmail.com

direitos para suas bases da periferia, nem à pluralidade da população brasileira, mas se mantém em um viés conservador que confronta permanentemente a noção de laicidade dos poderes do Estado.

Para que o retrato da FPE ficasse mais completo, faltou detalhar a composição atual da FPE em termos e denominações e de partidos políticos, uma vez que essa é realmente uma fonte de apoio político para Bolsonaro. Também cabe ressaltar que, embora a frente desempenhe este papel no legislativo, os atores pentecostais e neopentecostais tiveram pouca penetração nas esferas de poder executivas, com cargos designados pelo governo Bolsonaro para a ala mais conservadora de igrejas históricas. Isso reflete ainda mais o caráter segregador com respeito às periferias, com a qual o governo se comunica e conta, mas que não distribui poder ou direitos.

Na segunda parte do livro, Py relê o conceito de cristofacismo, desenvolvido pela teóloga alemã Dorothee Sölle quando analisou as relações entre atores nazistas e as igrejas cristãs, como base para definir a atuação de Bolsonaro como um ‘cristofacismo brasileiro’ e mostrar como ele se consolida. Para isso, o autor reflete em uma série de pronunciamentos de Bolsonaro, também utilizando as redes sociais, nas vésperas e durante a Páscoa de 2020. Segundo ao autor, com essa sequência de discursos e atos, ele se consolida como presidente religioso para que, então, seja propositalmente identificado como um messias, fazendo ampla ligação com aspectos de esperança religiosa. Desta forma, por mais que a população sofra com suas decisões autoritárias, e com a extinção de direitos trabalhistas e sociais, essa identificação o protege, pois sua atuação passa a ser considerada um plano divino.

A terceira parte do livro, Py faz uma análise dos discursos sobre a pandemia das três principais lideranças neopentecostais que apoiam Bolsonaro: Valdomiro Santiago, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e o pastor Silas Malafaia, líder de uma ala da Igreja Assembleia de Deus. Os três ampararam os discursos negacionistas do Presidente, conclamando à aglomeração, à coragem de seus fiéis, usando textos bíblicos descontextualizados para isso. Em seguida, o autor faz uma análise de alguns trechos do livro de Levítico. Utilizando-se de uma contextualização crítica e de aportes da Teologia da Libertação, são abordadas as orientações sobre santidade que se relacionam a doenças que poderiam ser transmitidas no seio da sociedade

israelita. Os textos abordam a necessidade de isolamento do doente, do cuidado para com ele e da responsabilidade da liderança com relação ao afastamento e ao cuidado. Assim, o autor encontra no texto bíblico um exemplo contrário aos discursos das lideranças neopentecostais.

Neste livro, Fábio Py traz um posicionamento crítico com respeito ao uso político da religiosidade popular, para isso, dialoga com muitos autores reconhecidos dos estudos da religião no Brasil e no exterior, como Reginaldo Prandi, Antônio Flávio Pierucci, Michael Lowy, Carl Schmitt, mas também traz pesquisadoras e pesquisadores novos, como Tatiane Duarte. O livro tem uma fundamentação teórica ampla que passa pela teologia, filosofia e estudos sociais e políticos. É indicado para líderes eclesiais, estudantes de teologia, lideranças comunitárias e demais interessados na temática religião e política no Brasil.